

Por diversas razões acompanhar o Presidente Samora Machel constitui sempre um momento privilegiado de compreendermos melhor a sociedade em que vivemos, o país que queremos construir. Acompanhá-lo numa viagem de 14 dias por países tão distintos, com situações políticas, económicas, culturais e sociais tão heterogêneas como constatamos entre a Índia, Coreia e Seychelles é uma rara oportunidade de reflexões sobre a nossa própria experiência.

Em cada um destes países, apesar dos parâmetros limitantes de uma curta estada e de uma escassa informação em alguns domínios, apreciamos realizações que tendo em conta o nosso respeito pelo princípio da soberania ilimitada de cada nação, e à luz das nossas próprias opções, nos mostram caminhos a desenvolver ou a rejeitar.

Por
Aquino de Bragança
e
António Souto

Para além dos acordos de cooperação estabelecidos e das conversações havidas a vários níveis, o resultado primeiro e imediato desta viagem é a necessidade de em cada país, apreciarmos com respeito e seriedade a sua experiência, qualquer que ela seja, e daí retirarmos ensinamentos para construir a nossa sociedade socialista.

A grande questão é a de que se o socialismo é pelo homem, o homem não pode ser manipulado. Daí a necessidade que o nosso Povo tem de conhecer e aprender a dimensão da sociedade em que vive, conhecendo o maior número de pontos de referência que estiverem ao seu alcance.

Defendemos o humanismo exigido pelo socialismo, em que a opção da nossa via de desenvolvimento é fruto de uma constante tomada de consciência da nossa realidade e dos nossos interesses, impõe que a nossa sociedade não esteja isolada do mundo, nem que o nosso Estado tenha relações de clientela para com outros.

As reflexões proporcionadas por esta viagem mostram-nos como do ponto de vista da necessidade do nosso conceito de Homem Novo pode ser trágico o isolamento de uma sociedade, do mesmo modo que nas relações entre países se tem de lutar a cada passo contra a tragédia da alienação da soberania.

Cooperar sem alienar a soberania, nem tão pouco defender a nossa soberania ilimitada sem nos isolarmos é, pois, um primeiro ponto de reflexão que nos impõe esta viagem.

Em conexão com o problema da soberania contrapusemos um desejo de gigantismo de certo modo existente em alguns sectores na nossa sociedade aos resultados práticos de combinar de modo equitativo e coerente o pequeno com o grande empreendimento.

Conhecendo através da experiência de outros países como o gigantismo surge em parceria com os resultados das independências outorgadas e não conquistadas, quais irmãos gémeos, sentimos a necessidade de certos quadros nossos reflectirem um pouco mais na origem e realidade deste país.

De Neva Deli e Bombaim a Pyongyang ou Port Victoria, no que viamos e conversávamos abarcávamos melhor e com franqueza a dimensão e natureza de erros que temos cometido.

Para combater esta tentação do gigantismo, em especial no que encerra de alucinação pela técnica, compreendemos que, onde quer que seja, quando o objectivo é o desenvolvimento real, o homem é o capital mais precioso.

E este raciocínio é tão simples como o é a ideia de sem homem independente e consciente não haver país independente e soberano. Se nestas condições se constroem sociedades com índices de desenvolvimento económico espantosos não nos iludamos. O socialismo, nas nossas condições de subdesenvolvimento, é antes de tudo o mais o pão ou o arroz. Mas, insistimos, o socialismo, porque é do e para o Homem, é mais ambicioso.

Reflexão já muito propagada, mas nunca por demais, é pois a necessidade de mobilizar os homens sem os manipular. Usando-se para tal sistemas de fachada democrática ocidentalizante com a partici-

Reflexões sobre a dignidade de uma viagem



servador. Quando os dirigentes do aparelho de Estado conquistam cargos impulsionados por interesses económicos ou pela sede de poder, os resultados são óbvios. A dimensão destas situações é por demais conhecida...

A constatação é imediata: a cada momento temos de nos bater contra o carácter conservador do aparelho de Estado. Naquilo que nos diz respeito temos de nos bater para manter sempre vivos os princípios humanistas do marxismo.

Neste contexto o sentido da Ofensiva Política e Organizacional assume um significado que ultrapassa o simples corrigir de erros e desvios a nível, especialmente, do aparelho de Estado.

Se aqui falamos da tragédia do isolamento, de soberania ilimitada, de manipulação do homem é justamente em grande medida porque a Ofensiva nos alimenta a cada momento a luta por sermos homens com dignidade em qualquer parte do mundo.

E para termos essa dignidade, além do que até aqui dissemos, é fundamental, que os cidadãos moçambicanos não sejam instrumentalizados, manipulados em função de razões de Estado que não sejam as do socialismo. A prática da Ofensiva mostra-nos que os interesses de funcionários se escondem não raras vezes sob a capa de razões de Estado. «Razões» que levam ao afastamento do Povo da realidade da sua sociedade e da imagem desta sociedade no mundo.

Nesta sequência de reflexões, o que está em causa é pois o Marxismo-Leninismo. Como o próprio Presidente Samora Machel salientou já em distintas ocasiões, o Marxismo é um instrumento de reflexão crítica. E quando ele não é utilizado como instrumento de análise, mas se se proclama do Marxismo, este instrumento corre o risco de se transformar numa ideologia, numa religião. E, bem entendido, a pior coisa que se pode fazer é institucionalizar o Marxismo.

Surgem assim «religiões de Estado», surgem deuses na terra que instrumentalizam o homem... E isso, da maneira mais elementar e ridícula que seja, ou pela forma mais elegante que aparente ser, não se compadece com o socialismo...

...Mas vem tudo isto a propósito de uma viagem de 14 dias a três países em que acompanhámos o Presidente Samora Machel.

O propósito é que a viagem foi um sucesso. E houve sucesso porque em todos os lados fomos recebidos com dignidade, com respeito. Sentimos orgulho de sermos moçambicanos. Porque soubemos compreender cada País com os instrumentos de análise que nos são próprios, porque soubemos respeitar as suas opções, porque estamos conscientes que vivemos num mundo que temos de conhecer e ser conhecidos, as relações que mantivemos quer ao nível de acordos, quer de trocas de experiências, impuseram o respeito pelo nosso País.

Para que isto se alcançasse houve a cada momento o reflexo da dignidade do nosso Chefe de Estado. Uma dignidade que transmitida a personalidade do nosso Povo; uma dignidade que impressionava não porque seja idolatrado, mas porque exprimia as nossas aspirações como homens.

pação orquestrada de grandes massas iludindo a liberdade, ou apregoando-se de socialistas com cartazes de números económicos, bem como outros mecanismos, contra-

pusemos várias experiências do papel que o Aparelho de Estado pode representar nessa manipulação do homem.

Seja numa formação social do-

minantemente capitalista, ou em transição para o socialismo a verdade bem conhecida já dos clássicos é que o aparelho de Estado sempre assume um carácter con-